2.ª SERIE. TOMO III.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

N.º 19. QUINTA FEIRA, 16 DE JANEIRO DE 1851. 10.º ANNO.

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

TRABALHOS ESTATISTICOS.

Providencias urgentes.

227 Os estudos estatisticos já são considerados, em Portugal, como uma das primeiras necessidades do paiz.

Convém aproveitar esta favoravel disposição, para obter della alguns resultados vantajosos.

O Governo não governa, nem o paiz é governado, sem que os trabalhos de estatistica sirvam de base ás leis. Se na ausencia destes trabalhos alguma providencia causa proveito publico — esta não é a regra, mas sim a excepção.

Quanto a nós, parece-nos da maior urgencia, que os trabalhos de estatistica sejam organisados de accôrdo com as exigencias do zelo, que já se vae desenvolvendo pelo estudo desta parte fundamental das sciencias economicas.

Não nos parece impossivel o nosso desejo.

Alguns factos importantes nos tem convencido de que se póde adoptar um systema, que aproveite alguns valiosos elementos que já possuimos, e que formule e execute um plano, uniforme e vasto, de trabalhos estatisticos, que tenha de abranger o estudo seguido da nossa situação economica, e das suas successivas e variadas transformações.

Ao começar a exposição dos meios, que julgamos mais uteis para tal fim, devemos primeiramente declarar — que não somos sectarios do systema das commissões — pois que é um systema em que os deveres poucas vezes estão na lei, e em que a responsabilidade é annullada pelo favor. O Estado faz graças, não as recebe; e, em regra, só o funccionario que serve por dever, e com responsabilidade, póde alcançar o que nas commissões apenas se alcança pelo zêlo espontaneo.

As commissões são um recurso, que prova a falta de harmonia e de organisação em um systema de governo qualquer.

No systema de governo de ha 20 annos, os corpos consultivos, em Portugal, eram as commissões de agora. No systema actual não bastavam esses corpos para fazer parar a verdadeira encyclopedia de commissões creadas desde 1833, era preciso que uma nova divisão de ministerios servisse de base á governação publica. Esta divisão, feita em virtude dos mais incontestaveis principios do direito publico moderno, e das verdadeiras necessidades do paiz, seria um golpe mortal no systema incompleto das commissões. Com essa reforma, que é tão desejada e precisa, as commissões, que vamos lembrar, seriam das inuteis, porque os seus trabalhos ficariam pertencendo a um dos ramos de uma intelligente e systematica divisão do serviço publico.

Nas circumstancias actuaes do paiz, parecia-nos conveniente, que o Governo nomeasse commissões, não só para executarem um

plano completo de trabalhos estatisticos, mas tambem para aproveitarem tudo quanto a falta de centralisação e publicidade está perdendo em quasi todas as estações publicas.

Em cada districto, devia haver uma commissão composta de homens de todas as parcialidades politicas, e auxiliadas pelo primeiro magistrado administrativo, em todos os seus trabalhos. Talvez devessem ser estas as verdadeiras e insuspeitas commissões de recenseamento, pela parte que lhe incumbia no estudo da população e do seu movimento. Para não estabelecer supremacia de districtos, a commissão do districto de Lisboa seria, em attribuições e mais circumstancias, identica ás dos outros districtos.

Cada commissão teria no concelho do seu districto os delegados, que julgasse convenientes, com tanto que, em cada concelho, houvesse pelo menos um delegado.

Para a direcção geral dos trabalhos, haveria uma commissão de poucos membros presidida pelo Ministro do Reino. Esta commissão, tendo formulado as divisões dos trabalhos estatisticos e havendo consultado as commissões dos districtos, sobre os quesitos que se deviam adoptar para base dos trabalhos de cada uma das divisões, centralisaria os relatorios parciaes das commissões em um relatorio geral, levado annualmente á presença dos poderes executivo e legislativo.

A esta commissão competia fazer as instrucções para se proceder ao exame, e separação dos trabalhos estatisticos, que, ao presente, existem nas repartições publicas, e que se devem publicar para se conhecer a nossa situação economica.

Creando uma repartição de estatistica para trabalhar em conformidade com os planos desta commissão, deveria acabar em Lisboa o trabalho parcial, incompleto, e por vezes repetido, que, em relação á estatistica, se faz em varias repartições do estado, ficando reduzido este trabalho á organisação de elementos, que fossem pedidos pela repartição de estatistica. Os braços que se economisariam por este alvitre, seriam mais do que os precisos para a nova repartição.

Os serviços prestados pelos membros das commissões estatisticas seriam premiados com mercês honorificas, e o serviço de delegado das commissões, prestado convenientemente por um certo espaço de tempo, serviria de habilitação para entrar no serviço publico

Dependendo muitos dos elementos estatisticos de declarações ministradas pelos habitantes de cada concelho, conviria estabelecer, na lei, como se faz na Inglaterra, a criminalidade das ommissões e inexactidões.

Sendo incontestavel a urgencia de reduzir a um systema os trabalhos estatisticos, de que tanto carecemos, parece-nos que os meios que appresentamos, e que não augmentam a despesa do estado, se poderiam adoptar com muito proveito.

S. J. RIBEIRO DE SÁ.

EXPOSIÇÃO EM LONDRES DOS PRODUCTOS DA INDUSTRIA DE TODAS AS NAÇÕES.

Commissão Portugueza.

4.º AVISO.

228 A Commissão julga dever fazer publico:

— Que pelas communicações officiaes recebidas de Londres consta, que na grande exposição está designado para os productos portuguezes o espaço de dois mil pés quadrados:

— Que as obras de oiro, prata, ou de pedras preciosas, devem ir dentro em caixas com a parte superior de vidro:

— Que as reclamações da Commissão portugueza, quanto á admissão de vinhos na exposição, ainda não foram attendidas, bem como tambem ainda o não foram as que no mesmo sentido teem feito os governos da Hispanha e de Napoles.

A Commissão continúa nas suas instancias para conseguir esta admissão, mas para que a incerteza do resultado não suspenda as diligencias que, em muitas partes do paiz, se estão fazendo, a fim de remetter para Lisboa uma boa e variada collecção de amostras dos nossos vinhos, entende que deve rogar a todas as pessoas, que estão trabalhando em tão util empenho, que não deixem de fazer a projectada remessa, por quanto a Commissão está auctorisada pelo Governo para fazer publico que, ainda quando os nossos vinhos não possam ser avaliados pelo jury da grande exposição, se fará uma exposição particular em Londres por conta do Governo, e em dia determinado, convidando os negociantes que forem mais competentes neste ramo de negocio para conhecerem as diversas variedades do genero mais valioso da agricultura portugueza.

A Commissão chama novamente a attenção dos expositores, sobre a necessidade de começarem desde já

a mandar os seus productos para o Arsenal da Marinha — *casa denominada da Fazenda;* entrada pela porta principal do Arsenal, desde as dez horas da manhã até ás tres da tarde, por quanto, passado o dia 30 do corrente, a Commissão não póde receber nenhum producto.

A Commissão, agradecendo por este meio a toda a Imprensa a publicidade que tem dado aos seus actos, por este meio tambem roga a todos os Jornaes de reproduzirem este aviso, e o anterior o maior numero de vezes que fôr possivel a cada um delles.

Sala das Sessões da Commissão para promover a exposição da industria portugueza em Londres, 8 de Janeiro de 1851. — *Conde de Thomar*, presidente — *Conde do Farrobo — Visconde da Carreira — Barão da Luz — Barão de Alcochete — Francisco Tavares de Almeida Proença — Joaquim José da Costa Macedo — Joaquim Larcher — José Ferreira Pinto Basto — Carlos Bonet — Francisco Mendes Cardoso Leal Junior — Sebastião José Ribeiro de Sá*, secretario.

SAUDE PUBLICA E NOTICIAS AGRICOLAS.

(Carta.)

Sr. Redactor.

229 Cumprindo com o meu proposito de participar a V. quaesquer occorrencias extraordinarias, que tivessem logar neste concelho, vou dizer-lhe alguma coisa neste sentido sobre saude publica, e agricultura. Neste concelho soffrem-se, com especialidade ha dois annos, e logo que entra o estio, molestias graves, como gastricas, sesões, que muitas degeneram em perniciosas e outros padecimentos, mas com tanta generalidade, que poucos são os individuos, que deixam de ser invadidos.

Este mal tem feito, e ainda hoje está fasendo muitas victimas, não só pela força delle, como pela falta de tratamento dos doentes, motivada pela miseria, e pobresa espantosa, a que, com poucas excepções, tudo se acha redusido.

Esta villa foi muito saudavel em outro tempo, como nos diz Carvalho na historia della, e saudavel se conservou até 1834, de cuja épocha em diante foi progressivamente decahindo esse estado, sem que seja conhecida outra causal, a não ser a falta de abertura das vallas do campo, que até áquelle tempo eram abertas pelo donatario desta villa; e de então por diante não se curou mais da tal abertura, dando assim occasião a que as aguas estagnadas se corrompam com os calores do estio, e desenvolvam o flagello, que nos assolla, e continua ainda hoje, talvez por causa do tempo secco, que tem corrido.

Tanto mais me convence ser esta a causa principal dos nossos padecimentos, quanto é certo que, ficando esta povoação ao norte do campo, e sendo este vento o que aqui regula no estio, não é ella, talvez por isso tão invadida, como as povoações, que ficam ao sul do campo para onde os ventos levam esses ares pestiferos, que quasi não deixam de penetrar em uma só casa. — Este mal deve augmentar-se talvez com os arrozaes de lameiro, que ha dois annos por aqui se semêam, e vão a continuar em maior escalla no anno seguinte, se um Governo previdente, e que não queira vêr este bello paiz feito em cemiterio, não prohibir esta cultura. — Tambem não tenho bonança que referir sobre agricultura. O trigo nada produsiu, as batatas temporans semeadas em fevereiro foram queimadas pela molestia, que ha cinco annos as persegue, mas não assim as que se semearam em Maio em terras frescas, cuja producção foi abundante. — O vinho foi muito menos do que no anno ultimo por causa da queima que invadiu a ramada das parreiras em Março e Abril, que não só inutilisou o fructo, mas impossibilitou a planta de deitar lançamentos vigorosos, de fórma que as vinhas neste anno não tem boa póda. Tambem não houve azeite, e muita gente crê que esta molestia antiga nas oliveiras é a mesma que depois veio ás batatas e agora ao vinho. A producção do milho temporão não foi desagradavel, porém muito menor que o anno ultimo, e a dos campos tambem foi para menos, e breve será nenhuma, porque elles vão a tornar-se em pantano, como consta que já foram em outro tempo; não se abrem as vallas, e as aguas correm á discrição por elles pela grande accumulação de areias no alveo do Mondego, e desta fórma deixaremos (porque somos portuguezes), perder uma bellissima porção das riquesas deste paiz. É tal, Sr. Redactor, o estado dos campos, que o proprietario que hoje quizer vender alli uma aguilhada de terra, não acha comprador, que a queira, quando até aqui havia annualmente milhares de transacções sobre as terras delle, de que o thesouro publico recebia grossas sommas pelas sisas respectivas.

Não digo mais, Sr. Redactor, porque receio que a imaginação me leve a alguma exposição, que V. recuse transcrever no seu muito acreditado jornal, e por tanto sómente me resta assignar-me.

Tentugal, 9 de Janeiro de 1851. De V.

MIGUEL CAETANO DE ALMEIDA COUTINHO.

FUNDIÇÃO DE TYPOS DO SR. ALEXANDRINO.

230 A industria typographica tem, nestes ultimos tempos obtido no nosso paiz um serio desenvolvimento, resultado do augmento progressivo da litteratura, que se assim continuar, em breve nos lavará de uma mancha, que era vergonha consentil-a os que tantos serviços fizeram ás sciencias, e que deram ao mundo o exemplo assombroso de, sendo pequenos e apoucados, irem levar a civilisação áquelles que por sua grandeza, deviam, orgulhosos, pelo poderío, desprezar quem assim os combatia pela intelligencia e pelas armas.

Um trabalho estatistico typographico e litterario, que temos entre mãos, sobre o estado da arte em 1850, e que se nos não fallecerem as forças e o tempo, que nos resta das nossas tarefas continuas, temos tenção de publicar, provará, ainda que seja fraco o engenho de quem enceta tal obra, o estado prospero da litteratura e typographia, que só unidas vivem, e combatem neste batalhar do espirito. Mas o nosso intento hoje é outro, e, sem querer, nos íamos affastando delles.

Com dois fortes embaraços luctava a typographia —

o typo e o papel — que *quasi* monopolios, lhe embargavam o passo a todos os seus progressos. Em quanto á primeira, o estabelecimento da fundição de typos dos Srs. *Silva & Bézan*, veio despertar alguns brios, trouxe-nos um bom artista, que hoje trabalha na fundição da Imprensa Nacional, e nas suas *provas* encontram-se alguns typos, singularmente *vinhetas*, que veem aformosear, e tornar elegantes as nossas edições.

O Sr. Alexandrino, artista de muito merito, de uma intelligencia que é um galardão para elle, e para esta terra, tem luctado ha annos com um competidor, que tinha á sua disposição mais de um meio de lhe tornar infructifera a sua energia artistica, e de quebrar os esforços e a tenacidade de quem sinceramente ama uma industria, de que os proventos não correspondem muitas vezes ás fadigas.

Mas não bastando isto veio agora junctar-se mais a fundição de que acima fallámos, que não lhe negando o merito, nem querendo, nem podendo julgar das suas obras, com tudo tinha um rotulo para chamar a concorrencia, que em Portugal não deixa de dar bons resultados, que era ser estrangeira. O Sr. Alexandrino não vacillou á vista disto, e redobrando de esforços appresentou uma fundição de lettra, que prova, sem replica, que se ajudado fosse aquelle artista, poderia com vantagem para elle, e para o paiz, dar um incremento vantajoso a uma fundicção de typos, que a sua perseverança já tem sabido conservar, apezar de quasi ignorada.

O typo é de bastante belleza, muito esguio, de hastes bem pronunciadas, e com quanto possa ter uma ou outra lettra irregular, nota-se-lhe com tudo muita egualdade no correr da linha. O *Ecco dos Operarios*, impresso na typographia do Sr. Cobellos, póde servir de *specimen* por onde se julgue delle. A lettra é do corpo do antigo *interduo-portuguez*, com que justifica rigorosamente, e muito propria para jornaes, romances, etc. Pedimos pois ao Sr. Alexandrino que continue nos seus aperfeiçoamentos artisticos, e aos donos de typographias, que protejam aquelle artista nacional.

Lisboa, 15 de Dezembro de 1851.

VIEIRA DA SILVA, JUNIOR.

AUXILIO JUDICIAL.

231 O tribunal de primeira instancia do Sena (como se lê na *Gazette des Tribunaux*) não esperou pela votação da lei relativa á assistencia judicial para realisar este pensamento; antecipando a intervenção legislativa, instituiu no seu gremio uma commissão de assistencia ou auxilio judicial.

Nesta conformidade, tres membros da camara do conselho (1.ª camara) foram encarregados de formar uma especie de meza de jurisdicção graciosa e de beneficencia, á qual M. de Belleyme, presidente, remette as numerosas questões ou consultas que lhe são transmittidas, para se lhes dar provimento estando no caso. Bem se entende que esta intervenção é mais officiosa do que realmente judicial; porém acha no apoio dos membros dos tribunaes, e na diligente cooperação do corpo dos advogados, os meios de obter felizes resultados.

Não obstante datar apenas dos primeiros mezes do passado 1850 a creação daquella meza ou escriptorio, a sua existencia é já conhecida dos desgraçados, e tem podido prestar uteis serviços.

Segundo o relatorio de seus trabalhos appresentado ao tribunal, eis algumas das principaes circumstancias em que o escriptorio de assistencia judicial teve repetidas occasiões de intervir para alliviar familias desvalidas de despesas que não podiam costear.

Causas de desquite, e requerendo, n'uns casos as mães, e n'outros os paes, seus filhos.

Ditas de paga a titulo de alimentos.

De rectificação de actos civis para obter-se a celebração de matrimonio entre os reclamantes.

De exigencia de entrega de legados.

De soltura de presos por dividas.

De levantamento de embargos.

De operarios para restituição de suas cadernetas.

Do pagamento de atrazados de pensões vitalicias.

Questões sobre cedencia de bens.

Ditas para a execução de decisões de louvados, etc.

Tal é a indicação dos assumptos das principaes causas, em que foi convidada a intervir a assistencia judicial, e em quasi todos os casos esta intervenção, que tinha por alvo proteger desgraçados sem fazenda e sem defensor, foi coroada de prospero exito.

Cumpre pois dar parabens ao tribunal por se haver antecipado á legislação, e ter provado pela pratica que a lei que se ha de fazer será boa e util, e que achará zelo nos magistrados para sua efficaz execução.

Esta organisação do escriptorio de auxilio judicial, segundo se diz, terá novos desenvolvimentos, e sobretudo se tratará de restabelecer as disposições de uma antiga lei (do anno 5.º da primeira republica) na conformidade das quaes se aggregava a cada tribunal um conselho officioso, composto de tres jurisconsultos incumbidos de aconselhar e de servirem de patronos nas causas dos militares ausentes.»

REMEDIO CONTRA O MAL DA LUZERNA E OUTRAS FORRAGENS.

232 M. Pousard, agricultor do departamento do Marne, descobriu uma receita que assegura por infallivel para curar a *cuscuta*, mal que ataca com especialidade os prados de luzerna e os destroe rapidamente.

O processo é o seguinte: — «Dissolva-se em agua sulphato de ferro na proporção de dois litros para cada hectolitro de agua; com esta mistura regue-se o luzernal, por meio de um regador, para que o liquido alcance todas as partes da planta que estão infestadas. Dahi a dois dias a *cuscuta* ficará inteiramente preta, e passados mais alguns extincta de todo. Dá-se um córte ao prado, e dentro em tempo breve a luzerna, trevo ou esparceto rebenta ainda mais forte e viçoso.

LITTERATURA E BELLAS-ARTES.

UM ANNO NA CORTE.

CAPITULO XXX.

A casa da Tia Brizida.

(Continuado de pag. 213.)

233 Nos primeiros dias, depois do desaparecimento do seu companheiro de infancia, Theresa não deu quasi por coisa alguma do que se passava em roda della. Fazia tudo como authomaticamente; e nem a oração, allivio e suave consôlo dos desventurados, lhe allumiava a alma com um rapido clarão de esperança, lhe commovia o coração, com esse brando estremecer, esse vibrar de todas as fibras, que desfaz pouco a pouco a tenebrosa cerração, em que a dôr parece envolver os desgraçados, nos dias de maior angustia. A esta insensibilidade, se assim se póde chamar o torpôr moral causado pela grandeza do padecer, seguiram-se dias de pranto, e de mudez. Cada palavra, que pronunciava, era um sacrificio: cada vez, que uma causa exterior a destraía de suas tristes cogitações, sentia a pobre Theresa dilacerar-se-lhe o coração; como se receasse vêr apagadas para sempre as imagens queridas, que na fantasia se lhe desenhavam, dia e noite.

Mais tarde, veio o desejo incessante de fallar de Francisco d'Albuquerque, de vêr os outros interessarem-se pela sorte do infeliz capitão; de repartir em fim os tormentos que a consumiam com quem lh'os ajudasse a suportar. Foi então que Theresa olhou em tôrno de si, e percebeu a solidão em que se achava, e se aterrou com o triste aspecto daquella casa em que a haviam encerrado.

Costumada á vida de provincia, ao ar, á luz, ao perfume das flores, á liberdade do campo, á harmoniosa ondulação da aragem correndo por entre as folhas, e ao gorgear das aves, voando de ramo em ramo, Theresa sentiu-se como encerrada n'um tumulo. Ar, só coado pelas malhas da espessa gelosia, ella o podia respirar: luz, só a de algum raio de sol amarellado e obliquo descendo a custo ao estreito becco dos Açougues, e a que, nem ao menos, podia aquecer as mãos, é que de longe ella podia gozar: flores, só as que enfeitavam os santos é que perfumavam a casa da tia Brizida: harmonias, só ouvia as que a dobadoura impertinente da beata e o seu psalmear continuo e monotono de ave-marias, formavam todos os serões naquella melancolica habitação. A solidão é o que sobre tudo pesava á triste provinciana. Buscou fallar de Francisco com a tia Brizida: mas esta, que voltára a casa com saudades dos seus habitos de quarenta annos, de que, por causa de sua sobrinha, se havia alguns dias affastado, só no seu querido Santo Antonio, em Fr. Thomaz, e em beaterios sabia e queria cogitar. Josepha, era tão estupida e estava por tal fórma identificada com as idéas e costumes de sua ama, que se podia considerar apenas como um reflexo da tia Brizida, em espelho baço e quebrado. Restava Fr. Thomaz do Espirito-Santo que, de dias a dias, vinha passar a tarde com a sua confessada: mas esse, já o dissémos, não havia arrancar-lhe palavra; e aquelle « sss! » sibilante, com que elle respondia a quasi tudo, não era, não podia servir de consolação a quem tinha, como Theresa, a alma profundamente magoada.

Todas as tardes Luiz de Mendonça ía á porta da tia Brizida saber novas de Theresa: nos primeiros dias, quando esta lhe sentia a voz, acordava sobresaltada do seu torpor, com a esperança de saber alguma coisa acêrca do desaparecimento de Francisco d'Albuquerque: mas quando, ás perguntas da beata feitas atravez do ralo da porta, ouvia Mendonça responder: — « Nada se sabe ainda; não ha nem vestigios delle » — a infeliz orphã tornava a perder-se de novo nas suas melancholicas reflexões. Pouco a pouco, porém, Theresa foi-se habituando áquella voz, que perguntava por ella com sincero interesse, e fallava daquelle, cuja perda tão amargamente chorava. Logo que pôde, foi ella propria á porta perguntar noticias, indagar se alguma coisa se havia descoberto daquelle misterioso successo, que lhe cobríra o coração de luto. Se alguma vez Luiz de Mendonça tardava, Theresa impaciente corria de minuto a minuto á janella, e levantando a adufa olhava para o Arco de S. André, ou para a rua de S. Thomé para vêr se elle chegava; se o moço fidalgo do Infante faltava alguma tarde em casa da tia Brizida, Theresa não podia dormir de noite; estava impaciente, afflicta, lavada em lagrimas todo o seguinte dia, e, quando Mendonça voltava, fazia-lhe amargas queixas, pedia-lhe encarecidamente que a não deixasse naquella penosa incertesa tantas horas,

que a não abandonasse em tão insupportavel solidão.

Mendonça, porém, só pouco tempo se demorava a fallar com Theresa, porque a tia Brizida não consentia, que elle lhe entrasse em casa; e o elegante mancebo estava vivamente sentido pelo que, apesar de saber avaliar as exquisitices e exaggerações de uma beata do seu tempo, não podia deixar de considerar quasi como uma offensa.

— Que diria a visinhança, que diria o mundo, se visse nesta caza um homem tão novo, um moço fidalgo do Sr. Infante! — exclamava a tia Brizida, quando sua sobrinha lhe pedia que deixasse entrar em casa Luiz de Mendonça. — Sabe Deus o que se dirá já por ahi, de o verem todas as tardes entrar para a escada! O meu bemaventurado S. Antonio me valha! Eu não quero que se pense mal da minha casa, filha: e nunca ninguem teve que lhe dizer, até tu vires viver commigo!

— Mas, minha rica tia — accudia Theresa — bem vê que eu se fallo com Luiz de Mendonça é só para saber se ha alguma noticia de Francisco...

— Agora, depois de morto! Pobre rapaz, Deus lhe falle n'alma!

— A mim custa-me a crêr que elle morresse: ainda não perdi a esperança de todo.

— Mas para teres essas noticias basta fallares um instante com Luiz de Mondonça; não é preciso que elle cá entre em casa.

— A falta de confiança, com que minha tia o trata, tem-lhe causado muita pena: e se não fosse por ter dó de mim, elle ainda m'o não disse, mas tenho a certeza de que já teria deixado de vir aqui.

— Falta de confiança! Anjo bento! Pois eu havia de deixar entrar um rapaz, um rapaz que não é feio, em minha casa, uma casa de mulheres só! Que idéas que tens, Theresa! Eu sempre disse que teu pae, que meu irmão, que Deus haja, te havia creado com muito mimo: se tua mãe, — uma santa era ella, — se tua mãe não morresse quando tu eras ainda pequenina, ter-te-hia dado bons conselhos, e ensinado tudo o que uma donzella honesta deve saber.

Pouco satisfeita com o sermão, de que não carecia, e verdadeiramente magoada com o não ter alcançado o que innocentemente desejava, Theresa ficava, depois de ter fallado com a tia Brizida, mais triste, mais saudosa, mais só do que nunca. Fechava-se na casa do oratorio, que lhe servia de quarto, e ahi chorava horas esquecidas. Era então que as imagens, que a cercavam, lhe pareciam funebres como a agonia, asperas e horriveis como os extasis asceticos que representavam: em vez de lhe excitarem sentimentos religiosos, o corpo descarnado e contorcido de Christo na Cruz e o rosto livido e macerado de S. Francisco faziam-lhe pavor, causavam-lhe susto, aterravam-n'a.

O coração do homem, é tão imperfeito como o seu espirito; é como elle egualmente sugeito a enganar-se, a tomar o erro pela verdade, a tomar o que é apenas ficticio pelo que é puramente real! As allucinações do coração não são menos extraordinarias do que as que offuscam a intelligencia; mas são quasi sempre mais duradouras. Quantas vezes o coração, agitado por essa necessidade de sentir que continuamente o traz inquieto, se deixa prender por laços que mais tarde, quando passa a illusão, deseja quebrar para sempre? Quantas, enganado pela propria grandesa, julga amar nos outros as nobres paixões que estão nelle proprio? Quantas, arrastado pela imaginação, o coração tem tambem faculdades distinctas como a alma, quantas vezes, repetimos, arrastado pela imaginação cria elle em roda de si um mundo em que tudo são felicidades, ou, o que é mais geral ainda, um mundo triste, tenebroso, medonho? Muitas vezes o coração tem esperanças que nada justifica, desejos que nada póde satisfazer: ama o que não póde possuir, é indifferente ou odeia o que possue. Muitas vezes, toma o habito pelo sentimento; confunde a amisade com o amor; o vago desejo com a paixão; a simpathia com as mais vivas sensações. Ás vezes é um accidente, que quebra as illusões do coração: outras é a acção lenta do tempo. Ás vezes, é a paixão ficticia, que se desfaz como os vultos informes que levanta dos valles o tenue nevoeiro da madrugada: outras, é uma paixão real, que destroe, quasi subitamente, a que só a imaginação havia creado.

A quem não tiver em conta estas inexplicaveis singularidades do coração, dificil será comprehender o desejo invencivel, a imperiosa necessidade que Theresa sentia, ao cabo de dois mezes passados em casa da tia Brizida, em orações, em prantos, e em saudosas recordações, de estar com Luiz de Mendonça, de lhe confiar as suas penas, de receber delle consolações, de lhe ouvir palavras de commiseração e amisade. Quem se

recordar, porém, do modo porque nasceu pouco a pouco o amor de Theresa por Francisco d'Albuquerque, quem se lembrar da impressão dolorosa mas pouco viva, que lhe causou o aparecimento subito de uma rival preferida, quando ella, meiga como um anjo, solicita como a caridade, passava dia e noite á cabeceira do capitão moribundo; quem tiver, por experiencia propria, algum conhecimento do modo como no coração se transformam os sentimentos, se desenvolvem surdamente as paixões, sem grande difficuldade descobrirá a causa daquelle desejo, daquella necessidade irresistivel que a candida provinciana tinha de consolação, de amisade, de meigas palavras, de alguma coisa em fim que lhe suavisasse o amargor da solidão em que vivia.

Vendo que nada podia alcançar directamente da velha beata, Theresa resolveu-se a pedir a Fr. Thomaz, que intercedesse por ella. Uma tarde que a tia Brizida fôra ao Salvador assistir a uma novena, e que ficou só com o silencioso frade, Theresa resolveu-se a aproveitar o ensejo para pôr em execução o projecto que formára de conquistar a vontade do confessor de sua tia.

— Sr. Fr. Thomaz — começou ella quando se viu só com o frade — quero pedir-lhe um conselho e um favor.

O frade, a quem Theresa nunca até alli disséra palavra, estremeceu ao ouvir-lhe a voz; e levantando a cabeça fez-lhe um gesto, para indicar que estava prompto para a escutar.

— Eu estava noiva do capitão Francisco de Albuquerque, quando meu pae morreu. Não sei se minha tia lhe contou já a minha triste historia?

— Sss. — fez o frade, com um gesto affirmativo.

— E sabe tambem, que este infeliz capitão foi victima... — Aqui Theresa lembrou-se que Fr. Thomaz do Espirito Santo era do mesmo sentir que sua tia; isto é, seguia o partido do valido. — Sabe que Francisco desappareceu da casa do Sr. Infante?

— Sss! — repetiu o gracianno.

— Eu ainda não perdi a esperança de o tornar a vêr; não creio que elle morresse, que o matassem. Era um pobre provinciano, que nunca fez mal a ninguem. Espero cada dia ter novas delle; e quando, como hoje, Luiz de Mendonça não vem, fico afflicta, doente, porque receio que elle se esquecesse de me vir trazer alguma boa nova.

Theresa calou-se depois destas palavras, e Fr. Thomaz ficou a olhar para ella, esperando que lhe explicasse a razão porque o havia tirado do seu socego. Vendo que a sobrinha da velha Brizida, ficava callada, o frade resolveu-se a interrogal-a.

— O conselho? — perguntou elle.

— Queria que V. R. me dissesse, se ficava mal a uma rapariga, como eu, fallar todas as tardes com Luiz de Mendonça... da misteriosa catastrophe succedida a... um irmão seu — disse, córando vivamente, a provinciana.

— Não.

— Minha tia tem a esse respeito escrupulos, tem duvidas de consciencia, e por isso não consente que elle entre nesta casa.

— Sss?

— Luiz de Mendonça está penalisado de ser tratado assim pela tia Brizida. É um fidalgo costumado aos usos da côrte; e custa-lhe o ser tratado com tão pouca consideração. Se não fosse tão boa pessoa, se não tivesse tanto dó de mim, ha muito que deixaria de aqui vir.

Theresa tornou-se a callar; e Fr. Thomaz a fazer um esforço sobre si mesmo para perguntar:

— O favor?

— V. R. é quem podia convencer minha tia, de que não ha peccado, não ha nenhum motivo de escrupulo em admittir em casa um homem tão honrado, tão nobre, tão virtuoso como Luiz de Mendonça. Não é esta a sua opinião, Sr. Fr. Thomaz?

— É.

— Então promette fallar a minha tia nisto; persuadil-a a mudar de resolução?

— Sss.

— Diga, Sr. Fr. Thomaz: responda-me.

— Sim — disse o laconico gracianno fazendo um esforço para pronunciar o monosylabo, cujo uso abandonára havia muitos annos.

Fr. Thomaz cumpriu a sua promessa; e Luiz de Mendonça, em vez de ser recebido na escada, e de fallar com Theresa atravez do ralo da porta, foi admittido na casa da devota Brizida.

JOÃO DE ANDRADE CORVO.

(Continúa.)

A LITTERATURA.

XI

(Continuado de pag. 186.)

234 Desejáramos que Fr. João de Sousa se tivesse demorado mais em caracterisar a diversidade de pronunciação das linguas castelhana e portugueza, resultante da diversa influencia do arabe nas duas linguas. É certo que fallando de uma das quatro letras do alfabeto arabico, mais difficultosas de pronunciar, o nosso auctor compara a sua pronunciação com o J e o G dos castelhanos, nas palavras *ojo*, *orejas*, *Angel*, *Arcangel*, — que são proferidas do fundo da garganta com violento esforço; em quanto que no portuguez não ficou similhante pronunciação. Isto porém não basta; e parece-nos conveniente encher esta lacuna com o excellente artigo do Doutor Constancio, a que acima alludimos, cortando-lhe tudo o que elle escreveu para se fazer entender de leitores francezes · « Les « Espagnols ont conservé les aspirations et les sons « gutturaux de l'arabe (le h, le x, le j), tandis que « les portugais les ont adoucis en changeant l'aspira- « tion *h* en *f*, et le jota en *lh*. Exemple: *Ajujéro* es- « pagnol — *agulheiro* portug., *Aquja*, *agulha*; *albaja* « — *alfaia*; *almohada* — *almofada*. — Les portugais ont « aussi substitué le *s* français au *ç* espagnol, dont la « prononciation ressemble à celle du *theta* grec ou du « *th* anglais dans *thrink* — Ex: *Aceite* — *azeite*; *Aran-* « *cel* — *Aranzel*..... Le *x* espagnol, qui répond au « son guttural arabe, a été remplacé en portugais par « le son *ch*, quoique la lettre *x* ait été souvent con- « servée en portugais. Ex: *oxalá* se prononce *ochalá* « en portugais. — Il est à propos de remarquer que la « prononciation rude de l'arabe a surtout prévalu en « Espagne, où elle a modifié la plupart des dialectes « du latin, en les rendant gutturaux et pleins d'aspi- « rations. Les Catalans, les Galliciens et les Portu- « gais, se sont au contraire rapprochés de la pronon- « ciation de la langue romane ou provençale: les der- « niers seuls ont admis les diphtongues composées d'un « son nasal suivi d'une voyelle sourd, telles que *pão*, « e *mãe*..... Il *y a* quelques mots dérivés de l'arabe, « qui s'écrivent par les mêmes lettres en espagnol et « en portugais, et se prononcent à peu prés de même, « *Algalia*, *Arrabalde* etc. — Beauconp d'autres s'écri- « vent par les mêmes lettres dans les deux langues, « se prononcent toutefois très diversement dans cha- « cune, par la différente valeur du *x*, du *z*, du *ç*, « de l'*h* et du *g* en espagnol et en portugais. L'ortho- « graphe de la plupart des mots arabes diffère dans « chacune des deux langues. — La Langue portugaise « a admis et peut-être emprunté entièrement à l'arabe « les voyelles nasales et les diphtongues de même na- « ture, dont le son est si désagréable, et dont les « dernières ne se trouvent, je crois, dans ancune au- « tre langue d'Europe. Le caractére nommé *til*, qui « marque le son nasal d'une voyelle en portugais, « semble n'être que le signe arabe du nasillement ou « simplifié et placé en travers, au lieu d'être posé se- « lon sa hauteur. »

A respeito do caracter *Til*, apenas encontrámos nos « Vestigios » a seguinte explicação, que em verdade achámos excessivamente laconica e deficiente:

= Esta mesma nota *texdid* corresponde ao nosso *Til* ˢ, cujo officio é supprir a falta da lettra *m*, ou *n*, seja em verbo, ou nome, quando occorrem as duas lettras duplicadas assim como, Joanna, Marianna, Immutavel, que se podem escrever com um *m*, ou *n* desta sorte Joana, Mariana, imutavel, e outros. =

(Veja-se « Vestigios etc. — Nota que se segue á palavra *adail* sobre a natureza dos verbos arabicos.)

Parece-nos bastante o que temos ditos para fazer sentir a utilidade da obra do nosso auctor, que elle recommendou no Prologo á benevolencia dos leitores, dizendo: « Todos sabem, que não se póde sa- « ber uma lingua ignorando-se a propriedade dos vo- « cabulos, nem esta se alcança sem o estudo etymo- « logico. » Accrescentaremos sómente que muitos artigos dos « Vestigios » abundam em erudição e proveitosas noticias.

O Sr. Francisco Recreio leu na Academia um supplemento aos « Vestigios da Lingna Arabe em Portugal. « Esta obra não foi ainda dada á estampa, o que muito lamentâmos, porque quizéramos dar noticia della neste nosso apoucado trabalho,

Egualmente o Sr. Manuel Rebello da Silva offereceu á Academia um Compendio Grammatical da Lingua Arabe, no qual corrige e addiciona a Grammatica que até agora tem servido para o ensino desta lingua, e cuja edição está exhaurida. — Não a vimos, e cremos que ainda não corre impressa; alegrâmo-nos porém com esta boa nova, como sendo indicio de que ainda entre nós se consagra algum amor aos estudos da lingua arabe.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

(Continúa.)

RECORDAÇÕES DE ITALIA.

II.

Gibraltar.

(Continuado de pag. 153.)

235 Ainda os ultimos esplendores do crepusculo allumiavam os horisontes da Andalusia e já a brisa tempestuosa da noite refrescava a superficie lisa das aguas, quando eu deixei de contemplar aquella formosa producção da Grãa-Bretanha, para observar os movimentos de uma linda hespanhola, que subia ligeira como uma silphide, e graciosa como uma corsa, a rampa do passeio.

Era um verdadeiro typo andaluz — juro-o por todas as descripções dos *touristas*, e por todos os versos dos poetas!

Que movimentos de cabeça, que conchegar de mantilha, que *coquetear* de leque, que encantado sorriso de labios, que ligeiro pisar de dois pés de fada!

Digo-o sem vergonha, deixei o anjo sonhar nos céus desvanecidos da sua imaginação e olhei a mulher, que pensava apenas — acho eu — nas realidades mais ou menos aprasiveis deste mundo sublunar.

Fiz mais ainda: eu, que estaria seculos inteiros sem dirigir a palavra a uma ingleza, com medo do *improper*, e das penalidades infalliveis do *cant* nacio-

nal, achei-me compatriota da linda andalusa, e puchei da garganta com visivel esforço, e não menos incommodo um *Buenas noches, senhorita, beso a usted los piés.*

Se fosse a ingleza, ter-me-hia trespassado com um olhar gelado como os nevoeiros de Londres, e perfurante como a ponta de uma bayoneta, em dia de revista: a andaluza olhou para mim, e offereceu-me um sorriso, que eu pagaria, não digo com o meu sangue, que não sei se está em bom estado, não digo com a minha vida, porque mentia como todos os poetas, mas com uma provincia se fosse Nicoláu I, com sette titulos azues, se pertencesse á raça dos Rotschild em miniatura. As dadivas apaixonadas agora, depois da invenção da economia politica calculão-se em valores, como quaesquer outros productos realisados. E viva a economia politica!

Era tão gentil aquella donzella! o seu vestido preto curto, deixava tão a descuberto um fragmento de perna tão delicadamente torneado, a sua mão travessa affagava com tão graciosa negligencia os arbustos sylvestres que se estendião pelo caminho, que pensei na Esmeralda de Victor Hugo, e na pobre cabrinha Djaly, essas leituras predilectas dos meus quinze annos!

E repito-o outra vez: esqueceu-me de todo a ingleza: e não me lembraram os olhos azues, quando vi os pretos: e varreram-se-me da imaginação os anneis louros, ao comtemplar as formosas tranças da hispanhola: e abandonei o anjo nas atmospheras nebulosas do mysticismo, para me extasiar diante da fada, doidejando entre as moitas do jardim, á hora melancolica do crepusculo.

Eu sou um perfeito contraste: ando suspenso entre o céu, e a terra, entre a poesia e a realidade: tenho uma imaginação fogosa, e um espirito frio, e sceptico: é por isso que passo da adoração ao despreso: dos mais loucos sonhos aos pensamentos mais triviaes: elevo-me até á concepção methaphysica de um amor ideal, e olhando mesmo sem tédio, uma dessas mulheres sem nome, que a sociedade atira aos abysmos do vicio, com a mesma impiedosa indifferença com que condemna as cinco partes da população á abjecção e á miseria.

Ingleza, e hispanhola, anjo e fada, olhos azues e olhos negros, tudo me passou do espirito, á noite, quando ouvi *cigadilhas* hispanholas, ao som da guitarra, e córos cantados com acompanhamento do tinir argentino de cópos de Malaga, e Val-de-peñas.

Que bella perspectiva para um amador de typos artisticos! Andaluzas, valencianas, madrilenas, judias, pittorescamente dispostas em torno d'uma meza, de cigarro na boca, e cópo na mão. Parecia o banquete do ultimo acto do *Propheta* de Meierbeer. Mas não houve incendio: o panno caíu sem nenhuma sombra de scena tragica.

E com que delirio eu ouvi cantar:

Un cigarro y mi trabuco
Una caña de jerez
Mi querida y mi caballo
¿ Que mas gloria puede haber?
. . . . . .

Perdoem-me este episodio, que não é positivamente ortodoxo: para estudar os costumes, e nisso um auctor portuguez póde parecer-se com todos os escriptores deste mundo, não se póde exclusivamente frequentar os salões d'um baile, ou tomar chá n'uma reunião muito decente e muito insipida: se commetti o irreverente peccado de passar um pedaço de noite n'uma companhia um pouco tumultuosa, foi tudo pelo amor da arte!

Conheceis a bella poesia de Zorilla — *Las Hojas secas?* Pois ouvi-a repetir com um sentimento, com uma intonação angelicamente melancolica, por uma rapariga de quinze annos, pallida como uma madona de marmore, e de uns olhos tristes, tristes, como se se recordassem d'um passado innocente, e se se vissem desterrados n'um inferno de amarguras.

Era tudo silencio então. Aquella voz meiga, e de um timbre maviosamente apaixonado, parecia o murmurio d'uma pomba, esvoaçando sobre um terreno semeado de cadaveres:

Quando repetiu:

¡ Madre, te encuentro llorando!
¡ Ah, no atiendes a mis voces!
Mirasme, y no me conoces?
¡ Tan mudado, madre, estoy?
¡ Tan pronto borrar pudieron
Mi rostro las desventuras. . ?
¡ Bebi tantas amarguras
Pero alfin, madre, yo soy.

¡ Cuan tremula está tu mano!
¡ Tu corason cuan oppresso!
Madre, no tienes un beso
Ni una queja para mi?
¡ Lloras! Beberé tu llanto. . .
Mas abrasan tus mejillas. . .
Heme, madre, de rodillas
Avergonzado ante ti!

Eu vi mais de um semblante toldar-se de nuvens, mais de uns olhos orvalharem-se de lagrimas. É que tambem o peito della arfava em suspiros comprimidos, é que as palavras lhe sahiam tremulas e balbuciantes dos labios: é que era intima, e profunda a dôr do poeta, revelada em tão magnificos accentos!

E pensei comigo! De que val o arrependimento, quando o stigma é eterno, fatal?

Não lavas a infamia, nem com sangue, nem com lagrimas! A tua depravação existe inexoravel, ainda que enbranqueças os cabellos, com o contacto gelado das lages de um altar, e percas o brilho dos olhos, pelo destillar continuo de amargoso pranto! O culpado, uma vez convencido, não espera nem rehabilitação, nem misericordia: a vergonha é irremissivel, e a condemnação eterna. Separada da sociedade pelo vicio, eliminada da humanidade pela miseria — mulher! debalde te arrependes, debalde invocas a Deus no céu, e á religião na terra; só tens o despreso por patrimonio: assim o quer essa sociedade hypocrita e corrompida, assim o publicam ás vezes mil bocas, tão manchadas de beijos infames como a tua! Perdida no deserto illimitado da tua culpa, só tens por unico horisonte, por derradeira ambição, elevares-te á aristocracia da devassidão; porque então nesta civilisação

bastarda, o vicio ás vezes é tão respeitado, tão idolatrado como a virtude: deixa de ser um objecto de despreso, para se tornar quando muito um assumpto de escandalo.....

Este credo desconsolador, que eu tracei ahi, nessas poucas linhas, não accusa acaso esta nossa épocha maldita, que se comprimiu dentro do circulo das emoções materiaes, como um cadaver dentro da tumba, que o leva ao cemiterio?

Para que se hão de lançar aos pés do Christo as Magdalenas affogadas em pranto, com os cabellos negros derramados n'um seio de alabastro, se já lhe morreu de todo a esperança de um mundo melhor?

Na religião da Economia Politica, o presente é tudo, e o futuro nada: no Christianismo a vida não era mais de que um continuo sacrificio á idéa da morte, ao dogma da immortalidade!

Esta crise passageira da civilisação, ha de passar: a humanidade sem religião, sem ideal, sería como um viandante perdido n'um deserto de trevas: a luz, tremula, mal distincta um momento, ha de brilhar de novo com esplendido fulgor: o egoismo das cifras ha de morrer como a brutalidade das armas, e o arbitrio da força: e no meio das ruinas destes systemas desvanecidos, ha de erguer-se outra vez a cruz, por que a cruz é eterna!

LOPES DE MENDONÇA.

(Continúa).

NOTICIAS E COMMERCIO.

HONRA ÁS LETTRAS.

236 Consta que Sua Magestade agraciára o distincto escriptor italiano, Cesar Cantu, com a Commenda da Ordem de Christo.

Damos com o maior prazer esta noticia, por ser uma honra feita a um estrangeiro, cujo nome é hoje conhecido em toda a Europa.

Um dos mais importantes trabalhos deste illustre Escriptor é, sem duvida alguma, a sua *Historia Universal.* Depois que as modernas theorias da philosophia da Historia deram uma direcção nova a este importantissimo ramo dos conhecimentos humanos, só monographias se haviam escripto. Tornava-se indispensavel um trabalho mais vasto, que reunisse as profundas descobertas historicas de Muller, Niebur, e dos outros historiadores allemães, com o resultado dos estudos sobre a meia-edade de Hallam, Thierry, Guizot, e outros.

Este trabalho só por uma vasta intelligencia, só por um escriptor encyclopedico podia ser emprehendido. Foi Cesar Cantu quem teve o arrojo, — que assim se póde chamar, — de emprehender e levar a cabo obra de tanta magnitude.

A *Historia Universal* de Cesar Cantu veio prehencher uma lacuna, que os homens da sciencia não podiam, sem grave prejuiso dos conhecimentos humanos, deixar existir por mais tempo.

Este livro fechou o cyclo da historia philosophica na primeira metade do seculo XIX.

Este Sabio não se occupou só desta obra tão monumental. — Escreveu tambem, como para completar a sua obra civilisadora, alguns livros, em que fallava á infancia, em que a aconselhava, e em que a moralisava — como se por este meio quizesse escrever virtualmente ainda a historia do meio seculo seguinte.

TRIBUTO DE AGRADECIMENTO.

Eram muitas as linhas que poderiamos juntar a esta carta: mas o ter a honra de ser amigo de um homem, como o Sr. S. Romão, impõe deveres que ás vezes são sacrificios. A sua alma esconde-se para ser grande — as virtudes do seu coração fogem da publicidade. Não podemos dizer mais, porque sabemos que, para o Sr. S. Romão, o louvor, que elle tanto merece, seria um desgosto.

Eis-aqui a carta que podiamos preceder de um longo elogio, abonado por todos quantos conhecem o amigo e o protector do insigne artista.

Carta.

Sr. Redactor.

237 Muito me honro em rogar-lhe me conceda um pequeno espaço no seu..... Jornal a fim de cumprir um dever de gratidão, e reconhecimento para com o meu patricio, e honrado protector e amigo, o Illmo Sr. Manuel Gomes da Costa São Romão, actualmente residente n'essa capital, o qual tanto se desvela por me tirar da obscuridade em que a sorte me tem collocado — assim como a todos os artistas — n'esta nossa terra de Portugal.

Ao dito meu protector e amigo, sou eu devedor do apparecimento na — Exposição Nacional de 1849 — das Imagens de marfim, que seu tio e meu particular amigo, o Illmo Sr. João Antonio de Oliveira Braga, lhe tinha dado sendo por mim feitas; e egualmente o ter estado patente no escriptorio de sua redacção, para quem quizesse ver e examinar — o Grupo representando S. Francisco aos pés de Jesu Christo.

Ainda não pára aqui a sua nacionalidade: quer e pertende mandar á — Exposição de Londres — varias esculpturas de madeira e marfim, tambem feitas por mim, algumas das quaes, e para esse fim, me foram por elle encommendadas logo depois da referida Exposição de 1849. Entre estas esculpturas, comprehende-se o — Prometheu — de marfim que tenho quasi concluido, e neste estado já foi visto por varios cavallheiros, e muitas pessoas distinctas desta cidade.

As referidas esculpturas, concluidas que sejam, serão pessoalmente por mim condusidas, e entregues nessa capital ao meu distincto amigo e protector, approveitando assim a occasião para, de viva voz, lhe agradecer tantas finezas, e interesse pelo meu bem estar, para o qual não tem poupado meios persuasivos a fim de conseguir que eu me estabelleça nessa capital, offerecendo-me a sua cooperação em tudo quanto me seja necessario para assim se realisar.

Escrevendo estas linhas, é simplesmente meu intento dar ao Sr. S. Romão provas do meu maior e natural reconhecimento pelos beneficios, com que seu bem formado coração me exalta, e que para mim serão de eterna gratidão.

Braga 6 de Janeiro de 1851.

De V. etc.

MANUEL JOSÉ VIEIRA.

NECROLOGIO.

238 A *Free Press*, jornal de Singapura, escreveu em data de 25 de Outubro ultimo. — « Temos nesta semana o penoso dever de relatar a morte de um dos mais antigos habitantes de Singapura, o commendador José de Almeida, Consul Geral de Portugal nas Colonias do Estreito, mais conhecido aqui por Doutor Almeida, nome prezado por muitos dos nossos menos abastados compatricios, pelos serviços medicos que lhes prestou gratuitamente, até que a sua decadente saude o obrigou a retirar-se á sua fazenda de Sirangong, onde acabou seus dias. Ainda que não tomou residencia permanente em Singapura antes do anno de 1825, póde propriamente considerar-se um dos nossos primitivos colonisadores, por quanto ao passar pelo Estreito n'uma viagem commercial da China á India, pouco depois da occupação da ilha, tendo attrahido a sua attenção as barracas na praia, immediatamente conheceu a grande importancia desta situação, e á volta tomou as suas medidas para vir aqui ser morador permanente, deixando fundos para a edificação da casa em Compong-Glam, onde agora a sua familia reside. Circumstancias o impediram de executar plenamente o seu designio até 1825, épocha em que estabeleceu a firma commercial, hoje conhecida geralmente em todos os paizes onde teve relações mercantis. A carreira do nosso lamentado visinho foi de eminente utilidade nesta colonia. Desde o periodo da sua entrada desempenhou gratuitamente o encargo de Consul da sua nação, mantendo á sua custa os naufragados até se offerecer opportunidade de os enviar a suas casas; e ministrando todas as informações e auxilio ás embarcações de guerra e empregados do governo, que chegavam aqui em razão de serviço. A Hispanha tambem lhe foi grandemente devedora de eguaes serviços até o tempo em que collocou aqui um Consul seu.

A nossa pequena colonia deveu ao seu exemplo e diligencias muita parte do rapido progresso de prosperidade agricola. Certa porção, e não pouco diminuta dos ganhos de sua caza commercial, era dedicada aos melhoramentos da ilha. Ainda antes de abertas estradas no interior, elle começou trabalhos na costa em Tanjong Kaltong, preparando uma plantação de algodão, habilitando a sua natural perspicacia a prever que viria tempo em que a Inglaterra procuraria em toda a parte do mundo sortir-se daquelle genero. Especialidades do clima fizeram falhar a tentativa; e o terreno arroteado recebeu outros plantios de que está agora esse sitio da ilha coberto pelos que seguiram o exemplo do Commendador Almeida.

Tão variados serviços não passaram desapercebidos. Na sua visita á Europa em 1842 foi nomeado Consul geral de Portugal nestas paragens, e se lhe conferiram varias mercês e distincções honorificas; ainda ha pouco teve carta de conselho. Hispanha tambem o condecorou com a ordem de Carlos. Ultimamente os nossos patricios patentearam o respeito á sua memoria na concorrencia do acompanhamento de seus restos mortaes, tributo espontaneo, que, sem duvida, será mais intimamente apreciado pelos membros de sua numerosa familia do que quaesquer distincções honrosas conferidas por soberanos. Quasi todos os habitantes européos acompanharam o prestito funebre; e o governador quiz dar um testimunho de estimação ás qualidades do fallecido commendador, sendo um dos que pegaram ao caixão. Nem foi menor a concorrencia dos naturaes, achando-se presente a maior parte dos negociantes respeitaveis tanto chins como outros indigenas

NOVA FABRICA DE FUNDIÇÃO EM MASSARELLOS.

Felicitamos a nossa industria fabril por mais um estabelecimento, com que a laboriosa cidade do Porto vae ser dotada, segundo nos consta pelo seguinte aviso, que mui gostosamente transcrevemos do Nacional.

239 Ha um anno que, Castro e Kawke estão construindo um espaçoso e solido edificio, proximo á barreira e alameda de Massarellos, que será aberto logo que montadas sejam as precisas e mais modernas machinas, por meio das quaes aviarão os differentes artefactos por mui commodos preços; e mesmo diversas machinas, assim como de vapôr, tanto terrestres como maritimas, por um dos socios directores (Kawke) ter sido empregado em uma das mais acreditadas fabricas de Inglaterra possuindo a precisa theoria e pratica.

Dedicar-se-ha mais particularmente a fabricar todo o necessario machinismo para cardar, fiar e tecer lã, seda e algodão. E além da pratica adquirida na mesma fabrica, alli e em local e compartimento accommodado ao effeito, se darão licções theoricas e praticas a todos os individuos, que methodicamente se quiserem applicar a tão util arte, para o que, desde já se convidam quantos o desejem, sem que por isso se exija compensação alguma.

Por um segundo aviso se annunciará a abertura do estabelecimento. Massarellos 7 de Janeiro de 1851.

CASTRO e KAWKE.

COMMODIDADES NA CALIFORNIA.

Uma carta de S. Francisco diz o seguinte:

240 « Logo que desembarquei dirigi-me á hospedaria franceza da *Boule d'Or*, que consta de uma uma sala de jantar, que mais parece uma adega, e de uma especie de dormitorio por cima daquella, mas com entrada ao nivel da rua, em rasão do declive do terreno e da construcção meia subterranea do pavimento baixo. Este não tem soalho; um esteirão serve de sobrado. A porta está patente á poeira e ao vento, a fim de convidar os passageiros a virem refrescar-se, tambem por isso a hospedaria, visto que é forçoso assim chamar-lhe está de continuo cheia de uma concorrencia ruidosa, inconveniente inevitavel n'uma cidade tão acanhada proporcionalmente á sua população.

Passámos ao dormitorio, chiqueiro atulhado de malas e colchões, porque o estabelecimento não tem leitos. Dá meia noite: — quinze ou vinte pessoas se estendem ao comprido no solho, chegadas umas ás outras, apertadas no espaço de 36 a 40 palmos de comprido por 22 a 23 de largo. As portas não se fecham, o frio penetra de toda a parte; de tempo a tempo um viajante que chega mais tarde, e ás vezes tomado de vinho, tropeça no corpo de algum dormente que de sobresalto acorda, amaldiçoando o desastrado adventicio que a taes deshoras lhe quebrou o somno. Scenas jocosas e simultaneamente aborreciveis! Nada a final irrita tanto o caracter como a accumulação destas atribulações miudas, de que a principio se ri. Difficil é imaginar de quanta paciencia e resignação se ha de revestir um homem, de quanta energia carece muitas vezes para afazer-se naquella remota região a certas companhias obrigadas, para aturar sem inconveniente susceptibilidade como sem humiliação as maneiras de grande numero de emigrados, que folgam de poderem alli dar largas á sua grosseria, paixões e vicios.

Estas miserias da vida na California, eguaes em quasi todas as hospedarias, foram mais aggravantes para mim por uma lesão em a mão esquerda, que por falta de tratamento e de commodidades peiorou de modo que se tornava quasi necessaria a amputação. A casual chegada da fragata franceza *Poursuivante* me livrou da eminente crise; pelo cuidado do cirurgião-mór desta embarcação curei-me mais promptamente do que poderia presumir.

Voltemos ao hotel da Boule d'Or, onde encontrei da parte dos proprietarios todas as attenções e obsequios, que debalde procuraria nas hospedarias americanas da localidade. — Alojamento e meza custam aqui duas piastras (1:600 réis) por dia; o vinho paga-se á parte a rasão de 800 réis a garrafa. Não ommitto estas miudesas, porque podem ser uteis ás pessoas que desejarem vir á California.

Revistemos a curiosa companhia que se acha reunida no hotel ás horas de comer. Alli, algum jovial gascão que empunhando o copo conta as maravilhas das minas de oiro e as incriveis aventuras de que se intitula heroe; julgue se que taes serão as idéas grotescas, mas brilhantes, as exaggerações proprias de um cerebro meridional, que semeia em sua narração. Acolá, um fleugmatico inglez, que apesar da sua taciturna ebriedade, calcula gravemente os lucros que acaba de realisar. Mais além, algum pobre mexicano expulso das minas, que exhala a sua colera em repetidas exclamações hispanholas contra o cioso e rapace visinho *Yan-Kee* (anglo-americano) que lhe retribue com outros tantos *goddemès*. Acima de todo este palrar entremeado sobresahe, como o trovão no temporal, a voz sonora e provençal do estalajadeiro, que nos vem gabar o seu carneiro ou vacca da California, quasi os unicos alimentos que o paiz produz.

Haverá actualmente 500.000 cabeças de gado; mas é tal o consumo que toda esta fartura será absorvida brevemente, de fórma que se vai tratando já de supprimento por importação estrangeira. Antes de descobertas as minas, um boi não valia mais de 1$600 a 1$920 réis, hoje custa, conforme a arrobação, de 16$000 a 24$000 réis. O pão vende-se por preços rasoaveis, mas assás fluctuantes. Hortaliças e fructas são extremamente raras. Em 1849 pagava-se 800 réis por uma couve ou repolho, e 320 a 400 réis por uma cebola. As missões religiosas e certos *ranchos* ou casaes sitos ao sul junto ao rio S. Joaquim, produzem alguma uva.

Os missionarios dotaram antigamente a California com a cultura da cepa, que hoje está quasi extincta. — Paguei um cacho no outono em S. Francisco por 200 réis. Só ha abundancia de aboboras, que se consomem em grande quantidade. Os legumes seccos vem da costa occidental da America, e vendem-se caros.

ALVITRE APROVEITAVEL.

Sr. Redactor.

241 Ninguem ignora a precisão que nós temos de pôr esta nação em contacto com a intellectualidade, que vae por esse mundo, e offerecendo-se uma occasião tão asada para este effeito como é a proxima Exposição, que se vae fazer na capital do mundo, intendia eu, que os nossos commissarios delegados áquelle Carmen secular de todas as nações, maior do que o de Augusto tanto quanto vae da nossa civilisação á do Imperio Romano, podiam levar instrucções do nosso Governo, ou dos nossos corpos scientificos, ou em emfim de uma reunião de cavalheiros, que houvesse de se fazer, para ver se convidava algumas illustrações que em Londres se achassem, para virem fazer uma viagem até Lisboa. Este proposito poderia ser muito fertil em consequencias, pois que dahi podia vir o ensejo para nós tambem começarmos a instituir o nosso congresso scientifico, que já não ha nação nenhuma que o não tenha. Eu creio que havendo boa vontade, nada nos podia ser mais proficuo; e tambem creio que nada haveria de mais facil, havendo cortesia no modo, do que nós possuirmos, por algumas semanas, alguns sabios distinctos estrangeiros, em visita a esta capital, a communicarem-nos algumas de suas idéas.

Se este pensamento, Sr. Redactor, é da sua approvação, espero lhe dê o desenvolvimento que V. lhe hade saber dar, para poder ser levado a execução.

10 de Janeiro. De V.

CLAUDIO ADRIANO DA COSTA.